



EBRAPEM027

Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática



OS TEMPOS QUE MARCAM E AS MARCAS DO TEMPO

Mônica Taffarel¹

GD 16 – Etnomatemática

Resumo: O presente projeto de pesquisa será desenvolvido no âmbito de um doutorado e tem como objetivo dar continuidade ao trabalho desenvolvido junto ao povo Rikbaktsa em 2016 e 2017. O propósito principal é compreender, aprofundar e ampliar os conhecimentos acerca dos marcadores de tempo, potencializando esses saberes. Os Rikbaktsa habitam a região da bacia do Rio Juruena, no noroeste do Estado de Mato Grosso, em duas Terras Indígenas (TI) convízinhas – a TI Erikpatsa e a TI Japuira – e em uma terceira, a TI do Escondido, mais ao norte, na margem esquerda do Rio Juruena. Para este trabalho, pretendemos abordar a TI Japuira, na aldeia Pé de Mutum, e a TI Erikpatsa, nas aldeias Barranco Vermelho e Primavera. A abordagem metodológica será na perspectiva da cartografia, que se concentra na exploração do “entre”, por ser um plano que se move e, ao mesmo tempo, não tem um roteiro a ser seguido. Nosso embasamento teórico está fundamentado no Programa Etnomatemática, que reconhece os diversos modos de produzir matemáticas, visando explicar os processos de geração, sistematização e transmissão de conhecimentos nos diversos sistemas culturais. Espera-se, com este trabalho, que os conhecimentos sobre os marcadores de tempo possam contribuir para a reflexão e posteriores aplicações de situações de ensino e aprendizagem que reafirmem as identidades étnicas, valorizando a cultura, bem como garantindo ao povo Rikbaktsa o acesso às informações e aos conhecimentos necessários para que sejam coesos com os valores indígenas.

Palavras-chave: Etnomatemática. Saberes Rikbaktsa. Marcadores de tempo.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Nossas memórias são constituídas por um mosaico de momentos, vivências, observações e experiências, entrelaçadas com imagens capturadas, fotografias, desenhos que povoam nossa mente. Em se tratando de temáticas socioculturais, nos perguntamos: Como é a imagem do índio² que vive em nossa memória? Provavelmente, as lembranças que perduram são referentes aos conteúdos dos livros didáticos apresentados em nossa trajetória estudantil. Essas lembranças ou imagens certamente representam o indígena de forma estereotipada, cobrindo suas partes íntimas com penas, cocares na cabeça e corpo pintado. Em alguns casos, representam o indígena como um hábil guerreiro, usando com destreza seus arcos e flechas.

A sociedade, como um todo, reproduz de forma pejorativa aquilo que lhe convém, estabelecendo conclusões a partir de discursos preconceituosos e desconhecendo a realidade

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat); Doutorado; mtaffarel2013@gmail.com; orientador: Prof. Dr. Thiago Donda Rodrigues.

² Usamos a palavra ‘índio’ de forma proposital, a fim de provocar reflexões.

dos povos indígenas. Talvez isso aconteça, em grande parte, pela falta de interesse ou oportunidades em estabelecer um contato direto com algum indígena ou em visitar as aldeias ou áreas onde habitam. Dessa forma, a ausência de diálogo com as comunidades indígenas e a falta de empatia perpetuam estereótipos negativos.

Essas questões são evidenciadas nas escolas, ao se comemorar, por exemplo, o “Dia do Índio”, em 19 de abril, vestindo e pintando as crianças para apresentações. De acordo com Pimentel, na “sua infância, na sua família ou na própria escola, as pessoas lhe disseram ou mostraram uma série de coisas a respeito do que é um índio. Geralmente, têm a ver com andar nu ou seminu, pintar-se, cantar e dançar, usar arco e flecha, morar em aldeias” (PIMENTEL, 2012, p. 11).

Os povos indígenas já habitavam este território muito antes de ser invadido pelos europeus, contudo, suas histórias não são evidenciadas da maneira como realmente deveriam. E, desde o contato com os não indígenas, inúmeras etnias desapareceram sem sequer deixar suas marcas de convivência e sobrevivência neste espaço chamado Brasil.

Em 1500, um navegador – seu nome era Pedro Álvares Cabral e ele estava a serviço da Coroa Portuguesa – invadiu um certo território ... Ao território invadido os portugueses deram o nome de Brasil, e as pessoas que o habitavam eles denominaram, curiosamente, não brasileiros, mas “índios”! Por quê? Bom, há uma explicação oficial que passa por temperos e especiarias – cravo, canela e que tais ... – mas não importa: o que importa é que aos donos do porto onde a esquadra portuguesa atracou seus navios Cabral deu o nome de “índios” (quem sabe para impedir quaisquer eventuais possibilidades de reivindicações de propriedade de que o termo “brasileiro” poderia, um dia, talvez, sugerir ...). Seus seguidores fizeram o mesmo: assim que se deparavam com os habitantes das terras que iam ocupando, iam conquistando – a fim de formar um território para os estrangeiros aos quais estavam subordinados – incluíam todos, indistintamente, numa mesma categoria e eram taxativos: “ÍNDIOS”! (MAHER, 1996, p. 14).

Sabemos que a vida e permanência dos nossos companheiros indígenas no Brasil não foi e não está sendo fácil desde esse contato, são lutas e mais lutas para ficar em seus territórios e sua população foi dizimada – dos 6 milhões que aqui viviam na chegada dos portugueses, hoje temos aproximadamente 200 mil indígenas. “Historiadores e indigenistas nem sempre concordam sobre os números aproximados, mas, quer a cifra exata seja 150, 200 ou 270 mil, isto não importa. O fato é que sobraram pouquíssimos índios” (MAHER, 1996, p. 15).

Para que a história dos indígenas não fique somente nas literaturas escritas por pessoas que não viveram a experiência de estar junto aos povos, uma maneira para divulgar

XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



e experienciar, mesmo sendo pelas palavras de um pesquisador, é a educação, no papel da escola, que tem e terá a responsabilidade de evidenciar essa história para a sociedade em geral.

Na busca pelo reconhecimento e valorização dos conhecimentos indígenas, a educação é primordial para a difusão da cultura das etnias, uma vez que as conquistas indígenas vêm avançando com o passar dos anos. Nesse cenário está o povo Rikbaktsa, que habita três Terras Indígenas (TI) no noroeste do Estado de Mato Grosso. Os municípios que contemplam as TI são Juara, Cotriguaçu e Brasnorte. Vivem às margens dos rios Juruena, Arinos e do Sangue.

Os Rikbaktsa, um povo também conhecido por “Canoeiros”, receberam essa designação pelos seringueiros na época dos primeiros contatos, por sua habilidade na construção de canoas a partir de um único tronco de árvore. São experientes na condução dessas canoas pelos rios que banham a região que habitam. Outra denominação com que eram reconhecidos é a de “Orelhas de Pau”, por usarem batoques³ feitos de madeira, que são implantados nos lóbulos alargados das orelhas. Entretanto, atualmente esse artefato é pouco usado pelo povo Rikbaktsa (TAFFAREL, 2018).

Com o intuito de prosseguir os estudos iniciados no mestrado, adentramos o curso de doutorado. Nossa intenção é ampliar a compreensão e aprofundar nossos conhecimentos sobre o universo indígena, em particular o povo Rikbaktsa, com o qual já estabelecemos uma proximidade e afinidade. Nessa perspectiva, pretendemos contribuir com o legado deste povo, para que as gerações futuras possam ter registros escritos com riquezas em detalhes sobre seus mitos, ritos, cultura e história.

O objetivo que nos move para a realização deste projeto é compreender, identificar e aprofundar os conhecimentos sobre o povo Rikbaktsa, por meio dos marcadores de tempo, a partir de um conjunto de estudos e reflexões das maneiras de vivência, convivência e transcendência em suas práticas cotidianas.

Como processo metodológico, pretendemos trilhar os caminhos da cartografia, em que o pesquisador-cartógrafo não sabe antecipadamente por onde irá caminhar, cartografar, quais serão seus encontros ou desencontros; sabe somente que terá de arquitetar seus passos

³ Adorno em forma de disco ou botão, feito de madeira leve e provido ou não de pependes, que se prende a um furo na orelha; usado por indígenas brasileiros, especialmente os de língua Jê.



na medida em que se constroem as relações, e essas passam a fazer parte de seu próprio lugar de pesquisa (COSTA, 2014).

Por fim, esperamos compreender como os processos de geração, sistematização e difusão dos conhecimentos são organizados nos espaços da comunidade Rikbaktsa e a relação com os marcadores de tempo junto ao povo, visto que “todos os povos da humanidade, independentemente de raça, origem social, são capazes de descobrir, compreender e desenvolver, em seu proveito, a ciência matemática” (GERDES, 1989, p. 2).

ETNOMATEMÁTICA DIALOGANDO RIZOMATICAMENTE

Nossa base teórica será fundamentada na perspectiva da Etnomatemática, dialogando com pesquisadores como Ubiratan D’Ambrosio, Paulus Gerdes, Eduardo Sebastiani Ferreira e Gelsa Knijnik, entre outros, que reforçam a importância das relações de respeito pelo outro, pelas diferenças, reconhecendo que cada indivíduo ou grupo apresenta suas maneiras próprias de matematizar o mundo, de gerar, sistematizar e difundir seus conhecimentos.

Esses autores, mesmo tendo perspectivas próprias em relação à Etnomatemática, têm envolvimento direto com a matemática, a cultura e a educação. O diálogo estabelecido por eles é com a diversidade cultural, as práticas matemáticas tradicionais, as culturas indígenas, africanas e a educação de jovens e adultos, compromisso com uma educação mais inclusiva e uma aprendizagem contextualizada.

Com a intenção de evidenciar as relações entre os diferentes modos de vida, a diversidade cultural e os saberes silenciados e/ou marginalizados, nos propomos a dialogar com Viveiros de Castro, Sílvio Gallo, Gilles Deleuze e Félix Gattari. Embora tenham abordagens e formações distintas, seus trabalhos convergem para as temáticas da diversidade cultural, desconstrução de dualismos, abordagens interdisciplinares, e oportunizam um diálogo valioso entre questões antropológicas, filosóficas e culturais.

Ressaltam que os saberes não são únicos, exclusivos e universais; toda forma de conhecimento e saber, mesmo que não tenha sido formalizada ou oficializada por uma ciência, constitui um saber digno de valorização e respeito.

Nesse viés, a Educação Etnomatemática vem ao encontro da nossa proposta de trabalho com a comunidade indígena Rikbaktsa, sendo sua essência as “múltiplas e diversas

XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



formas de ser, saber, fazer, viver, conviver, transcender humanos, o que, conseqüentemente, busca também romper com a visão de conhecimento universal” (SILVA, 2013, p. 21).

A Etnomatemática procura entender as diversas formas e diferentes realidades de que os povos se utilizam no desenvolvimento de métodos para compreender o universo em que estão inseridos, ou seja, de acordo com Cunha (2010, p. 31), “todos os povos têm desenvolvido métodos únicos e sofisticados para saber, explicar e modificar a própria realidade e reconhecem que essas ideias, bem como as culturas em que elas estão enraizadas, são partes de um processo natural, constante, dinâmico”.

De acordo com Fantinato (2004, p. 46), “a etnomatemática tem o desafio de procurar exercitar o olhar sobre o outro, valendo-se de uma vigilância crítica sobre como estão interpretando o que o outro faz. Essa interpretação passa, portanto, também pelas formas de classificação nossas e do outro”.

Para D’Ambrosio (2009), a Etnomatemática tem como propósito compreender os diferentes modos de saber/fazer/ser/conviver das diversas culturas. Isso implica em reconhecer como e por que as comunidades, povos e nações desenvolvem suas práticas em medição, classificação, comparação e contagem.

Saberes que não são oficializados dificilmente tornam-se conhecidos ou respeitados, pois não passaram por um crivo científico. “Podemos, assim, afirmar que é comum a todos os etnomatemáticos o entendimento de que existem saberes marginais, os quais, apesar de não serem reconhecidos pela Ciência oficial, devem ser respeitados e valorizados” (RODRIGUES, 2017, p. 4).

Nessa perspectiva, é fundamental enfatizar o respeito pelas diferenças em pesquisas no contexto da Etnomatemática. Ao abordarmos conhecimentos diversos e saberes singulares, podemos nos deparar com problemas complexos e ao mesmo tempo enriquecedores, os quais requerem uma postura sensível e inclusiva.

Percorrer as etnomatemáticas não significa descrever somente o conhecimento de comunidades socioculturais, mas potencializar seus saberes e ecoar fortemente suas vozes, revelando uma forma de lutar contra um sistema que normatiza um tipo de conhecimento, legitima uma determinada sociedade, padroniza uma cultura (RODRIGUES, 2017).

Realizando uma investigação com o propósito de potencializar os saberes socioculturais que frequentemente são marginalizados, invisíveis e/ou passam

XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



despercebidos, fomos afetados por uma abordagem de natureza rizomática⁴. Um sistema rizomático é caracterizado por sua multiplicidade, conectividade, heterogeneidade, como também pela ausência de significados definitivos. Em outras palavras, não é único, não tem início e fim determinados, pode ser rompido, quebrado em qualquer ponto, sendo possível, em um momento posterior, retomar a partir do ponto de interrupção (RODRIGUES, 2019).

O saber matematizante de um grupo, sociedade, comunidade ou povo constitui um saber integral. As descobertas ou as entradas serão definidas quando se estiver junto ao grupo. Seguindo esse caminho rizomático, podemos explorar as formas de contagem em conexão com as técnicas de pesca, debater sobre religião e o nosso olhar nos levar a analisar a maneira como as mulheres produzem artesanato.

Aprender é rizoma. No processo de aprender temos inúmeras entradas e qualquer ponto pode nos conectar a qualquer outro, essa conexão não obedece a qualquer ordem, seja natural, hierárquica, sequencial, já que o processo não se desenvolve a partir do Uno, exponencialmente, mas heterogeneamente (RODRIGUES, 2015, p. 131).

Não há uma preocupação em romper uma linha; em outro momento, poderá se deparar com a linha em que estava anteriormente e, assim, prosseguir as investigações de forma fluída e contínua. “O rompimento do processo de aprender num local ou o abandono de uma linha não invalida o processo e esse ponto de rompimento pode ser retomado a partir de outras linhas” (RODRIGUES, 2015, p. 132). “Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender, identificar e aprofundar os conhecimentos sobre o povo Rikbaktsa por meio dos marcadores de tempo, a partir de um conjunto de estudos e reflexões sobre as maneiras de vivência, convivência e transcendência em suas práticas cotidianas.

⁴ O significado de rizoma, utilizado por Deleuze e Guattari, versa da botânica. De acordo com os filósofos, “diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31).

XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Desafios educacionais e impactos sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



Objetivos específicos

- Entender como diferentes culturas e sociedades indígenas percebem e organizam a passagem do tempo;
- Identificar as formas de marcar o tempo, intensificando os saberes e fazeres do povo Rikbaktsa e reverenciando seus conhecimentos e tradições;
- Promover reflexões sobre uma educação intercultural, o respeito pela diversidade cultural e o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, mediadas por diálogos formais e informais com a comunidade Rikbaktsa;
- Fomentar a visibilidade dos conhecimentos sobre marcadores de tempo do povo Rikbaktsa, produzindo livros, cartilhas, vídeos, documentários e outras formas de divulgação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Organizar os caminhos para executar uma pesquisa é algo amplo, diverso, às vezes confuso e com diferentes olhares – e para a constituição deste trabalho não foi diferente. Dessa forma, vamos definir alguns pontos importantes que farão parte da pavimentação da investigação junto ao povo Rikbaktsa.

Pensamos em uma metodologia potente que nos possibilite dar vazão às vozes do povo Rikbaktsa, juntamente com seus afetos, com seus espaços múltiplos de conhecimentos, saberes e fazeres. Essa abordagem potencializa tanto as necessidades da pesquisa quanto as demandas de uma pesquisadora e educadora em matemática, permitindo uma colaboração enriquecedora.

Nessa perspectiva, nos propomos a operar com a cartografia como possibilidade de criar métodos inventivos na construção deste trabalho, sendo os caminhos constituídos por acompanhar os processos, um movimento de ser afetado e afetar o que se está cartografando.

Assim, a cartografia propõe pensarmos de formas outras, principalmente nas questões que embasam nossas pesquisas.

Ao invés de perguntar pela essência das coisas, o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de **o que é isto que vejo?** (pergunta que remete ao mundo das essências), um **como eu estou compondo com isto que vejo?** Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo,

XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa (COSTA, 2014, p. 70, grifos do autor).

Como o processo é inventivo, nossos passos serão produzidos de acordo com os atravessamentos, o que nos afetará, sendo que os métodos e as formas de produzir os dados irão se constituir no trabalho de campo, juntamente com o povo Rikbaktsa.

Temos algumas pistas de como podemos caminhar nessa investigação. Seleccionamos alguns instrumentos que podem acompanhar o nosso trabalho de cartógrafos: um bloco/caderno para anotações rápidas, que são importantes e não podem ser esquecidas; um diário de campo com detalhes do dia de campo, evidenciando os afetos e atravessamentos. Sendo um processo inventivo, temos a permissão de buscar formas outras de acompanhar os afetos potentes na pesquisa, como, por exemplo, fazer uso de gravadores, filmagens, fotografias, que subsidiarão o pensar da experiência no campo.

Corroborando nossas pistas ao caminhar no território pesquisado, precisamos saber que:

Antes de se perguntar se determinada coisa é ou não importante, o cartógrafo procurará pensar se houve ou não encontro com esta coisa. No caso de haver, ele apostará no registro. No caso de não, ele poderá negligenciá-la. Para o cartógrafo, o grau de importância das coisas não está ligado à importância social, ao que se convencionou a priori enquanto importante. A importância é aquilo que se consegue levar/portar a partir de um encontro. Na pragmática de uma cartografia, a importância é antes uma **portância** (COSTA, 2014, p. 70, grifo do autor).

Mediados pela cartografia, iremos investigar ou nos propor a ser afetados e afetar a comunidade indígena Rikbaktsa que habita a região noroeste do Estado de Mato Grosso em três Terras Indígenas (TI), nos municípios de Juara, Cotriguaçu e Brasnorte. O povo Rikbaktsa habita três Terras Indígenas: a TI Erikpaktsá, a TI Japuira e a TI do Escondido, que fica mais ao norte, na margem esquerda do Rio Juruena, possuindo 36 (trinta e seis) aldeias distribuídas nessas TI. Para delimitarmos nosso trabalho, iremos habitar o território das aldeias Pé de Mutum, pertencente à TI Japuira, no município de Juara, e Barranco Vermelho e Primavera, na TI Erikpaktsá, no município de Brasnorte.

A proposta consiste em imergir na comunidade durante uma ou duas semanas em cada mês, abrangendo os anos de 2024 e 2025. Durante esses períodos, iremos vivenciar a rotina da aldeia, presenciando momentos de rituais, participar das danças, acompanhar as produções dos artefatos, observar o cotidiano da escola. Em suma, buscaremos experienciar

XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



junto com eles e vivenciar a liberdade. Cartografar é se constituir com o outro, não falamos do outro ou para o outro, e sim vamos nos afetando, compondo caminhos, mapas.

Desejamos fazer um mergulho em afetos que nos atravessam e, assim, produzir singularidades junto ao trabalho com o povo Rikbaktsa, versando para modos outros de pensar os fazeres e saberes da comunidade.

Cartografias são produzidas por afetações, subjetividades no acontecimento. Talvez isso possa soar estranho neste momento, mas o que queremos dizer é que cartografias buscam produzir desenhos da processualidade de invenção de mundos e de experimentação com eles. Uma produção que acompanha e se faz junto a modos de existências, a estilos de vida. Multiplicidades e não unidades. Diferenças e não repetições. E as vidas que elas produzem – ou as vidas que nelas pulsam – vibram, afetam e são afetadas por outras que, também nelas, são inauguradas (GONDIM, 2017, p. 19).

Será por meio dos processos inventivos que nos permitiremos conceber novos caminhos, trajetórias e ferramentas, mantendo nossos sentidos atentos aos afetos potentes para a realização da pesquisa. Essa abordagem de trabalho nos proporciona instrumentos para compor um mapa dos afetos que serão vivenciados em campo, possibilitando alcançar os objetivos planejados de forma eficaz.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que os resultados possam ser significativos para a comunidade Rikbaktsa, assim como para os pesquisadores. As discussões e reflexões almejam aprofundar os saberes e práticas relacionados aos marcadores de tempo e conhecimentos desse povo.

Além disso, esperamos potencializar essas histórias para a sociedade como um todo, principalmente os espaços das escolas. Isso se torna essencial e de suma importância, visto que os conhecimentos indígenas raramente estão contemplados nos livros didáticos e, quando abordados, tendem a ser de maneira superficial e genérica.

Como professores e professoras, nosso trabalho demanda olhar a sociedade como um espaço educativo, contribuindo e auxiliando para o conhecimento de seus direitos, de forma que sejam preservados e possam ter uma vida justa e digna para todos. Tendo essa ação, compreendemos que não há espaços para olhares neutros. Nas palavras de D'Ambrosio (2009), educar é um ato político!

XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



REFERÊNCIAS

COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, RS, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014.

CUNHA, A. N. Etnomatemática e transdisciplinaridade: resposta ao esfacelamento do conhecimento. *In*: SILVA, A. A.; JESUS, E. A.; SCANDIUZZI, P. P. (org.). **Educação etnomatemática: concepções e trajetórias**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2010. p. 9- 20.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FANTINATO, M. C. Reflexões sobre o processo de pesquisa em etnomatemática: análise de uma experiência em contexto urbano. **Horizontes**, Bragança Paulista, SP, v. 22, n. 1, p. 43-51, 2004.

GERDES, P. **Sobre o conceito de etnomatemática**. São Paulo: ISP/KMU, 1989.

GONDIM, D. de M. Cartografando vidas e desenhando geometrias afetivas: possibilidades na educação matemática. **Educação Matemática em Revista**, n. 55, p. 17-31, 2017.

Disponível em: [http://funes.uniandes.edu.co/24447/1/Gondim2017 Cartografando.pdf](http://funes.uniandes.edu.co/24447/1/Gondim2017%20Cartografando.pdf).

Acesso em: 20 mar. 2023.

MAHER, T. J. M. **Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade**. 1996. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

PIMENTEL, S. **O índio que mora na nossa cabeça: sobre as dificuldades para entender os povos indígenas**. São Paulo: Prumo, 2012.

RODRIGUES, T. D. **Práticas de exclusão em ambiente escolar**. 2015. 243 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2015.

_____. Etnomatemática e Filosofia da Diferença: Possíveis Diálogos. **Journal of Mathematics and Culture**, v. 11, n. 01, p. 01-12. 2017. Disponível em:

https://journalofmathematicsandculture.files.wordpress.com/2017/09/volume11_number1_article-1.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

_____. Etnomatemática: fluxos e rizomas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 13., 2019, Cuiabá/MT, Brasil, **Anais XIII ENEM**, 2019.

SILVA, A. A. **Os artefatos e mentefatos nos ritos e cerimônias do Danhono: por dentro do Octógono Sociocultural A'uwẽ/Xavante**. 2013. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2013.

TAFFAREL, M. **Sistema de contagem e os marcadores de tempo do povo Rikbaktsa**. 2018. 250 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Barra do Bugres, MT, 2018.

XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.

